

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

O POVO INVISÍVEL

JOSIANE APARECIDA CANTERLE

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Carlos André Echenique Dominguez e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Ms. Carlos André Echenique Dominguez
Universidade Federal de Santa Maria
Orientador

Prof. Dr. Elias José Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Ms. Claudia Herte de Moraes
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Ms. Luiz Fernando Rabelo Borges
Universidade Federal de Santa Maria
(Suplente)

Frederico Westphalen, 07 de janeiro de 2010

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

O povo invisível

Josiane Aparecida Canterle
Carlos André Echenique Dominguez

RESUMO

Por meio deste artigo apresentamos a pesquisa que investigou a presença do índio em quatro jornais da região Norte do estado do Rio Grande do Sul de dois dos municípios onde existem reservas indígenas cuja relação populacional é de 1 índio para cada 2,6 brancos. Por meio da Análise de Discurso encontramos as marcas que respondem às perguntas sobre a existência de notícias sobre indígenas ou não nos jornais analisados e se existe preconceito ou não nos discursos que compõem o corpus desta pesquisa. A contextualização desta análise acontece por meio das Teorias do Jornalismo pois se trata de discursos noticiosos impressos, os quais possuem características particulares para a identificação das condições de produção, as quais revelam as marcas discursivas deixadas pelo enunciador.

PALAVRAS-CHAVE: índio; jornalismo; identidade; análise de discurso; produção de sentido.

O índio e a mídia local

Este artigo analisa a presença na mídia dos povos indígenas do Norte do Rio Grande do Sul. Com isso, verificamos as notícias por meio da Análise do Discurso (AD) para identificação das marcas que indicam preconceito para com os indígenas.

Na condição deste problema, elencamos hipóteses que estão comprovadas ou refutadas no final deste artigo. Uma primeira hipótese é a de ter ou não notícias sobre indígenas e a segunda hipótese é a existência ou não de preconceito contra os indígenas, independentemente da questão da presença, no discurso midiático do *corpus* em análise.

A escolha deste problema de pesquisa se deu diante da presença significativa de indígenas na esfera social da região de abrangência das reservas indígenas do Norte do estado do Rio Grande do Sul e, diante deste fato, qual é a presença desta população na mídia local. Para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), são os brancos que identificam os índios como tal, que reconhecem seu modo de vida como diferente da cultura branca, ao passo que ambas as culturas se influenciam e evoluem paralelamente.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Os indígenas estão presentes no território brasileiro há muito mais tempo que os brancos ou negros, que chegaram aqui há pouco mais de 500 anos. No Rio Grande do Sul, pesquisas apontam a existência do índio há 12 mil anos (Goulin,2001). Hoje, a maior concentração de indígenas é no Norte do estado, que conta com 13 áreas demarcadas e cinco acampamentos, com uma população de pouco mais de mil guaranis e quinze mil kaingangos, de um total de vinte e dois mil no estado gaúcho e quatrocentos e sessenta mil no Brasil, segundo dados da FUNAI¹.

Constatamos uma população significativa em duas reservas indígenas no Norte rio-grandense e em territórios igualmente significativos: a reserva do Guarita, nos municípios de Redentora, Erval Seco e Tenente Portela, e a Reserva Nonoai em Nonoai. Na primeira reserva habitam, atualmente, cerca de 7.500 indígenas e na segunda 2.997 guaranis e kaingangos, o que resulta na somatória da população em cerca de 10 mil indivíduos, enquanto a população branca gira em torno de 26.233 mil habitantes entre os dois municípios. O que demonstra a existência de 1 índio para cada 2,6 brancos.

Para compor o *corpus* de nossa análise, escolhemos os veículos de comunicação impressa existentes em dois dos municípios: A Terra, Jornal Província e Folha Popular de Tenente Portela, e Visão da Notícia de Nonoai. Todos eles têm periodicidade semanal e circulação regional. Escolhidos os veículos para analisar os discursos, bem como verificar a presença de notícias referentes a indígenas naqueles jornais, selecionamos os meses de abril e setembro de 2009 para recolher a amostra de nossa pesquisa. A escolha do mês de abril se deu pela passagem do dia do Índio² que é data comemorativa decretada desde 1943.

Estes jornais são periódicos de cidades do interior com características próprias. A tiragem varia de 500 à 1500 unidades semanais impressas, onde a principal, se não a única, forma de venda é por assinatura. O que não é vendido por assinatura é distribuído gratuitamente ou volta para o próprio jornal. Os jornais de maior tiragem, o jornal Província e o Folha Popular, possuem uma tiragem de 1.500 cópias para cerca de 700 assinantes, o que, segundo entrevistas com os proprietários realizadas neste projeto, acontece devido às gráficas imprimirem um número

¹ <http://www.funai.gov.br/>

² Esta data comemorativa foi criada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas, através do decreto lei número 5.540. A escolha do dia se deu pela participação dos indígenas no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, onde as lideranças governamentais estavam reunidas mas, por medo, as lideranças indígenas só participaram a partir desta data (19/04/1940). Encontrado em http://www.suapesquisa.com/datascomemorativas/dia_do_indio.htm Acesso em 04 dez. 2009.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

mínimo de exemplares. As gráficas são terceirizadas, com cede em outros municípios. A tiragem mínima é exigência para cobrir os custos industriais da gráfica.

Nas redações dos jornais não encontramos profissionais formados em jornalismo, com exceção do Jornal Província onde o proprietário é jornalista e administra uma emissora de rádio, um site e um jornal. Todos os veículos em estudo possuem convênios com as prefeituras dos municípios vizinho (de 5 à 7 municípios), o que lhes garante boa parte da renda com a venda dos espaços para editais e vendas de assinaturas para os mesmos, além de garantir releases enviadas pelas prefeituras dos municípios sem ter que ir até às fontes. O número de pessoas que trabalham nas redações são de no máximo três que respondem pelas diferentes funções existentes em cada jornal. A maior parte dos textos são elaborados por colaboradores, o que resulta na existência de muitas colunas e/ou quadros de assuntos especializados dentro dos jornais.

O número em toda a amostra de notícias sobre indígenas encontradas no mês de abril foi nove, enquanto em setembro encontramos duas notícias, uma nota e uma frase de uma coluna de opinião. Assim temos um total de onze notícias para o *corpus* de nossa análise de um total de trinta e dois exemplares, com uma média de 15 páginas por edição, recolhidos nos meses de abril e setembro do ano de 2009.

Segundo os proprietários dos jornais Província e Folha Popular, o fato das pessoas se conhecerem e conhecerem aos repórteres e proprietários dos jornais permite aos assinantes opinarem sobre o que está sendo veiculado. A opinião pública influencia muito nas escolhas a serem feitas para a publicação das notícias. Segundo entrevistas feitas com os proprietários pode-se verificar que o noticiário dos veículos analisados se pautam pela população leitora mais que pelos critérios de noticiabilidade ou pelos eventos mais importantes ou interessantes, cabendo aos veículos a escolha de contrariar ou não a “vontade” dos leitores.

Por meio da Análise de Discurso buscamos identificar marcas que comprovam a proximidade ou afastamento entre a sociedade branca e a sociedade indígena, quem são os dominantes e os dominados na relação de forças dos campos sociais, o que é mostrado sobre os indígenas na mídia impressa local e, assim, se existe uma visibilidade³ social garantida pelos

³ “Patrick Charaudeau (2003) aponta os meios de comunicação modernos como forma de visibilidade/divulgação, os quais participam da constituição e transformação do espaço público. Segundo ele, em determinados momentos da história, a visibilidade do espaço público adquire uma forma particular, a qual hoje pode se entender que é representada pela mídia.” (Barichello e Scheid, 2007, pg. 10)

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

veículos de comunicação a esta população.

Referencial teórico

A base conceitual da pesquisa por este artigo apresentada é a Análise de Discurso (AD) que é utilizada para identificar as questões de identidade e preconceito racial por meio das marcas de produção deixadas nos enunciados da amostra desta pesquisa. Partindo da premissa de que todo discurso é um ato social (Verón, 1980), nos utilizamos dos estudos da semiologia social do pesquisador argentino Eliseo Verón. Os textos, ou discursos, encontrados nos jornais são enunciações promovidas por um sujeito que está inserido na sociedade e que traz consigo uma bagagem cultural, a qual deixa marcas em seu discurso. Os discursos aqui analisados são notícias impressas, onde a Teoria do Jornalismo contextualiza as condições de produção desses discursos.

O pesquisador Milton José Pinto (1999, pg.22) concorda com Verón (1980) quando diz que “É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção e sentidos que o analista vai interpretar”. Estes dois autores se apóiam na AD da linha de estudos da Escola Francesa como referencial base de seus estudos para uma análise crítica (marxista) e, por consequência, indissociável da realidade. Para eles é o contexto da produção do discurso que revela o verdadeiro significado do enunciado.

Essa teoria é desenvolvida por meio dos estudos semióticos ou semiológicos, os quais, segundo Pinto (1999), costuma-se qualificá-los como semiótica social ou semiologia dos discursos sociais. A semiose é uma rede infinita de significados (Verón 1980), portanto, cada interpretação pode compreender de forma diferente um mesmo enunciado. Nossa análise mostra uma interpretação dentre vasta teia de infinitas possibilidades.

Por Análise de Discurso entendemos “a disciplina que, em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si mesmo ou a uma análise sociológica ou psicológica do seu <<contexto>>, visa *articular* a sua enunciação com um determinado LUGAR social”⁴ (Maingueneau, pg.13,1997). O professor da UFPE, Alfredo Viseu, em seu artigo “O jornalismo e as teorias intermediárias” detalha mais a concepção de AD. Ele cita o teórico holandês Teun Van Dijk, uma referencia mundial em estudos críticos do discurso, quando explica que “a análise de discurso é uma disciplina interdisciplinar, que se interessa pela análise dos diferentes contextos

⁴ Mantido os destaques conforme original.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

do discurso, isto é, pelos processos cognitivos da produção e recepção e pelas dimensões socioculturais do uso da linguagem e da comunicação”.

No objeto analisado, a comunicação se dá por meio escrito e impresso, onde os enunciados ficam registrados e são multiplicados por cópias idênticas que chegarão a diferentes indivíduos e de forma individual, não havendo a comunicação direta, pessoa-a-pessoa. Verón (1980 pg 190) aponta como aspectos fundamentais de todo sistema produtivo três pontos: a produção, o consumo e a circulação. Em Pinto (1999,pg. 44) encontramos a explicação de como se dá essa relação. Ele diz que “a produção, a circulação e o consumo dos textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não pode separá-los”. Os jornais fazem parte de uma cadeia de produção de sentido em escala industrial. Por fazer parte desta cadeia os discursos jornalísticos podem revelar relações de poder entre dominantes e dominados.

Para a definição dos elementos analisados encontramos o apontamento que Pinto(1999, pg. 22) nos faz: “É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção e sentidos que o analista vai interpretar”. Percebemos que Verón (1980, pg 193) indica o mesmo caminho que Pinto ao dizer que “descrever o trabalho social de investimento de sentido em matérias significantes consiste em analisar *operações discursivas*. Essas operações são reconstituídas (ou postuladas) a partir de *marcas* presentes nas matérias significantes”. Essas marcas possíveis de serem encontradas são explicadas por Dominique Maingueneau (2008) ao classificá-las como marcas de tempo e de pessoa, por meio de pronomes demonstrativos, tempos verbais, pessoas do discurso etc. O mesmo autor ainda mostra que é por meio do contexto que podemos identificar marcas da produção em procedimentos pragmáticos que nos levam a perceber as contradições, adições, ironias⁵ ou outros recursos que venham a ser utilizados e podem ser reconhecidos como marcas do discurso.

Para a funcionalidade da análise, Verón, citando o lingüista norte-americano Chomski vai dizer que “temos de dispor dos meios de descrever um sistema finito (enumerável) de regras de engendramento para dar conta de uma produção de sentido que é finita”(pg 197). Assim,

⁵A “ironia” está classificada como figura de pensamento pela qual dizemos o contrário do que pensamos, quase sempre com intenção sarcástica. (Cegalla, 2005)

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

observamos em nossa análise as marcas mais freqüentes encontradas nos discursos dos jornais impressos já citados, tais como as pessoas do discurso, tempos verbais, advérbios entre outros recursos gramaticais. Optamos por estas possibilidades de análise para que o nosso artigo seja finito, mas sabemos que é infinito (como é a semiose) diante de outras análises que poderão ser feitas, pois outros pesquisadores poderão enumerar outras regras e alcançar novos resultados. Quanto às marcas discursivas, Pinto (1999, pg.53) alerta: “uma mesma marca encontrada pelo analista em duas superfícies textuais produzidas em contextos diferentes, pode ter interpretações diferentes”, por isso sempre deve-se ter presente o contexto, que encontramos por meio da Teoria do Jornalismo.

Dentro de um texto, para a análise de discurso, sempre existe a presença de outros textos, ou seja, todo texto é heterogêneo por natureza. Segundo Pinto (1999, pg.26), a existência de outras vozes podem ser marcadas ou não, vindo de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado. Estas formas são etapas da caracterização da produção de um texto.

Outras marcas de caracterização que podemos observar nos discursos sociais são referentes à ideologia e ao poder. Quanto a isto, nos estudo de Verón (1980) encontramos o seguinte: “O ideológico e o poder são dimensões que atravessam em toda sua extensão, uma sociedade”, assim estão presente também no *corpus* analisado. Os meios de comunicação fazem parte dessa sociedade e são um meio de reprodução ou transformação, portanto, também são “transpassados” pelo ideológico e pelo poder o que, para Pinto (1999) corresponde às condições sociais de produção. O mesmo Verón (1980, pg. 192) explica onde estão presentes o ideológico e o poder: “a questão do ideológico toca às questões de produção dos discursos sociais, e a questão do poder concerne aos efeitos discursivos, isto é, às gramáticas de reconhecimento”. Assim, o discurso de um enunciador só pode ser compreendido e ter algum efeito quando o co-enunciador compreender a mensagem, o que não garante que este co-enunciador entenda a mensagem da mesma maneira que o enunciador quis fazer-se entender. Os discursos analisados estão imersos no contexto social, perpassados pelo poder e a ideologia e refletem os jogos sociais existentes nos locais de produção. Dessa forma é necessário ter presente os campos discursivos encontrados implicitamente nos discursos analisados para este artigo, os quais Maingueneau (2008, pg. 16) cita como sendo um jogo de equilíbrio instável entre diversas forças. Para ele, um campo

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

discursivo nunca é homogêneo: “há sempre DOMINANTES e DOMINADOS, posicionamentos CENTRAIS e PERIFÉRICOS. Um posicionamento <<dominado>> não é necessariamente <<periférico>>, mas todo posicionamento <<periférico>> é <<dominado>>”⁶. Podemos entender essas relações por meio das explicações do sociólogo francês Pierre Bourdieu, criador do conceito de campos sociais, estudado e explicado por Gutiérrez (1994). Segundo a autora, explicando Bourdieu, os campos sociais são espaços de jogo historicamente constituídos com as suas instituições específicas e suas leis de funcionamento próprias⁷. Assim, entendemos o jogo citado por Maingueneau (2008) como o jogo dos campos sociais de Bourdieu onde o espaço de disputas aparece no campo midiático como campo de lutas e de forças de outros campos sociais ali influentes, onde são as diferenças de capitais que estão em jogo, seja este capital cultural, econômico, religioso etc, o que define as diferentes posições constitutivas de um campo⁸.

Os discursos analisados neste artigo são textos jornalísticos, portanto é necessário também apreciá-los à luz da Teoria do Jornalismo de forma a melhor compreender as particularidades deste objeto e suas condições de produção. As Teorias do Jornalismo aqui utilizadas têm a função de nos dar informações quanto ao contexto da produção das notícias, em que condições e lugares as notícias “acontecem”.

Para esclarecer o tipo de discurso analisado, precisamos elucidar o conceito de “notícia”. Traquina (2008) aponta que não há unanimidade quanto ao conceito de notícia, mas faz um apanhado geral das definições afirmando que é onde o jornalista relata, capta, reproduz ou retransmite o acontecimento.

As notícias obedecem a certos valores que podem dar maior ou menor peso para um fato e que confere a importância a ser dada àquele texto. Traquina (2008) faz uma seleção dos principais valores-notícia já citados ou identificados por outros estudiosos da área da comunicação. Ele apresenta a morte ou negativismo, notoriedade, proximidade, novidade, atualidade, conflito, infração e escândalo como os principais valores notícia.

⁶ Mantido os destaques conforme original.

⁷ Tradução minha livre de “*espacios de juego historicamente constituído con sus instituciones específicas y sus leyes de funcionamiento propias*” (Gutiérrez 1994, pg. 21)

⁸ Tradução minha livre de “*es la distribución desigual del capital que está em juego, lo que define las diferentes posiciones constitutivas de un campo.*”(Gutiérrez, 1994, pg. 34)

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

Outro debate pertinente é quanto ao que é interessante e ao que é importante para ser transformado em notícia. Para Gomis Lorenzo (2002, pg 22), o importante e o interessante obedecem a seguinte “regra” como valor-notícia:

“O interessante porque o interesse é o termo mais freqüente, o mais usado nas definições da notícia; se um fato não interessa ao público, tampouco convém ao meio incluí-lo em seu menu-informativo. O importante, porque desde o aparecimento da imprensa se tem considerado que se o importante ocorre, ou seja, se acontece algo que pode afetar a população, o fato deve ser comunicado na forma mais rápida e popular do conhecimento que existe: a notícia.”

Esta última idéia de valor-notícia apresentado ganha importância quando Nilson Lage (2006, pg 17) define o que é notícia, enquanto estrutura dentro do jornalismo moderno, como sendo “o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Ele ainda completa dizendo não se tratar de uma narrativa, mas de uma exposição de fatos. E não é uma exposição de fatos qualquer, ela tem uma forma própria de ser apresentada, que se inicia com o título, como resumo do assunto ou tema. Após o título, encontramos o “*lide*” que responde às perguntas o que, quando, onde, quem e porque, relatando o fato principal de uma série de fatos que compõe a notícia, o que é mais importante ou mais interessante. O mesmo autor explica a seqüência da notícia como sendo “a *documentação*, em um, dois ou mais parágrafos, é complemento do lide, que detalha e acrescenta informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, os sintagmas circunciais ou quaisquer de seus componentes” (Lage 2006, pg. 29).

Todo processo de produção de notícias passa por escolhas, sendo elas pessoais (do jornalista) ou da empresa. Os textos aqui analisados também passaram por este processo. Cada escolha pode ser entendida como “desvio de discurso”, que Verón (1980, pg. 20) entende ser aonde acontece a AD, pois para o estudioso “Toda análise de discurso é uma análise dos desvios do discurso”. Assim o processo se dá pelas escolhas de pautas, das informações que farão parte do texto, até a escolha final do jornal daquilo que vai ou não ser publicado. Esse processo de produção de notícias, que é feito de escolhas, segundo Viseu (pg 2-3) “são momentos de decisão em relação aos quais o *gatekeeper* (jornalista) tem de decidir se vai escolher ou não uma notícia, deixá-la passar ou não”. Essas escolhas acontecem de acordo com os valores-notícia, consciente ou inconscientemente pelo jornalista, visto que ele é um ser social, inserido nas disputas dos

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

diferentes campos sociais aos quais pertence, tais como o campo midiático, o campo religioso, o campo cultural etc.

O tema principal de nossa análise é a presença do índio na mídia impressa local. Este sujeito não possui os meios de produção da notícia que está nas mãos de “brancos”. Quando as notícias de um grupo ou movimento social aparecem nos noticiosos, o motivo pelo qual essa notícia é pautada, algumas vezes é de desordem. Isso acontece, segundo Molotch e Lester in Traquina(2001,pg 29), porque “aqueles que não tem acesso regular ao campo jornalístico, precisam de ‘fazer notícia’, entrando em conflito, com o sistema de produção jornalística, gerando a surpresa, o choque ou uma qualquer forma latente de agitação.” Esta pode ser uma maneira encontrada de se fazer presente no agendamento midiático e, por consequência, chamar a atenção social para aquilo que querem. Este é mais um exemplo dos jogos e os jogadores sociais no “campo da notícia”.

O que se entende, de forma básica, por Teoria do Agendamento, corresponde “A capacidade dos mídia de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu importante papel na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos mass mídia” (Mc Combs e Shaw, 1997:7, in Traquina, 2001: 14). Se a mídia tem o poder de montar/fabricar esse pseudo-ambiente, logo tem a capacidade, segundo os mesmo autores, além de sobre o que devemos pensar, de dizer como devemos pensar sobre isso.

Os grupos sociais possuem identidades próprias que os diferenciam uns dos outros e são essas diferenças as causadoras de conflitos presentes na mídia. “Na medida em que o tecido da semiose social não é senão a dimensão significativa da organização social, e é inversamente dinamizada pelos conflitos sociais” (Verón, 1980, pg. 201). Esta fala de Verón pode ser a explicação do porque da necessidade de ações conflituosas acontecerem para um determinado grupo social aparecer na mídia, o que foi verificado na análise do objeto desta pesquisa. Para esta análise, elencamos como marca discursiva a identidade social como indicativo de preconceito, por concordarmos com o conceito de identidade apresentado pólo pesquisador Trinta (2007, p.153) “por outras palavras, processos de identificação podem ser definidos como mecanismos psicológicos e psicossociais por meio dos quais um ou mais indivíduos moldam sua conduta e tomam atitudes, no intuito de se parecer (e deixar confundir) a um “outro” ou a “outros”. Da

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

mesma maneira, este conceito é utilizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que entende que o índio só é índio quando é assim reconhecido pelo branco. Por possuir um capital cultural⁹, entendido dentro dos campos sociais, o branco, o negro e o índio se diferem entre si por não quererem se deixar confundir uns com os outros.

O que dizem as notícias

As análises que apresentamos pertencem ao *corpus* formado pelo total de notícias encontradas nos jornais A Terra, Província, Folha Popular e Visão da notícia correspondente aos meses de abril e setembro, são ao total de onze notícias em diferentes editorias. Desse total apenas duas notícias foram encontradas no mês de setembro juntamente com uma nota e uma frase de coluna que não estão contabilizadas e caracterizadas como notícia. Dos quatro veículos em análise dois não apresentaram nenhuma notícia sobre indígenas. Assim as notícias encontradas são dos jornais Província e Folha Popular, ambos localizados no município de Tenente Portela.

A primeira tabela que apresentamos é constituída pelos títulos das notícias encontradas, veículos correspondentes às mesmas e datas de publicação em que foram publicadas. Escolhemos os títulos por estes serem o resumo da notícia, ou seja, apresenta ao co-enunciador (leitor) o fato mais importante ou mais interessante que tem como objetivo chamar a atenção, seduzir e persuadir para que o mesmo leia todo o texto.

Para os títulos encontrados, observamos que todos eles possuem seu verbo de ação no tempo presente do indicativo, característico do texto jornalístico. Dos onze títulos encontrados, dez fazem referência direta aos indígenas ou ao índio. Identificamos o reconhecimento da existência de grupos diferentes que se distinguem pelas identidades de índio x não-índio. Observa-se que os brancos identificam-se diferentes dos índios por assim classificá-los.

⁹ Capital Cultural é um dos capitais identificados por Bourdieu na constituição e caracterização no jogo dos campos sociais.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Educação Superior Norte – RS
 Departamento de Ciências da Comunicação
 Curso de Comunicação Social – Jornalismo
 04 a 08 de Janeiro de 2010

Tabela1) Títulos das notícias encontradas na amostra

<i>Abril</i>	
1) Indígenas descartam bloqueio da rodovia 330 (contra-capas)	Jornal Província. Ed. 27/03 – 02/04/09
2) Território indígena (editorial)	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
3) O livro é elaborado pelas escolas indígenas e instituições	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
4) Dia do índio é celebrado na Reserva do Guarita	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
5) Índios bloqueiam a RS-330 em Tenente Portela	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
6) Protesto reivindica melhorias na Reserva Indígena do Guarita (capa)	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
7) Museu de Ijuí destaca “Povos Indígenas”	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09
8) Indígenas reivindicam bloqueando a 330 (capa)	Jornal Província. Ed. 24/04 – 30/04/09
9) Tenente Portela: Indígenas interrompem o trânsito na RS 330 para reivindicar	Jornal Província. Ed. 24/04 – 30/04/09
<i>Setembro</i>	
10) Gripe A causa morte de indígena da Reserva do Guarita em Redentora (capa)	Jornal Província. Ed. 11/09 – 17/09/09
11) Redentora: Indígena morre vítima da gripe A	Jornal Província. Ed. 11/09 – 17/09/09

Os títulos 10 e 11 confirmam a idéia de preconceito pela identidade, uma vez que estes dois títulos trazem notícias referentes a uma morte de um indígena vítima de uma doença que, naquele momento, era comum a toda a sociedade. O enunciador poderia apenas falar da morte de uma pessoa vítima da gripe A H1N1 que já estaria justificada a importância e relevância para aquela notícia e, apenas no corpo do texto, identificar quem era a vítima. Neste episódio a vítima da gripe A H1N1 era um indígena. O enunciador, então, sugere a restrição da doença a uma população – os indígenas – de um local específico – Reserva do Guarita, embora estivéssemos vivendo uma pandemia global. Entendemos que o enunciador indica aquele lugar como um lugar contaminado, assim como o povo que o habita. Em seu enunciado ele isola a doença a um lugar e a uma população.

É confirmada a hipótese da presença de um grupo periférico (Maingueneau, 2008) nos veículos de comunicação via conflito ou desordem social entre dominantes e dominados. Isso

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

fica comprovado diante da existência de cinco notícias que relatam protestos ou bloqueios na rodovia que passa pela reserva indígena, que é a forma encontrada deste grupo social chamar atenção de outros grupos sociais e das autoridades para suas reivindicações.

As datas comemorativas, muitas vezes, são usadas como suporte para agendamento midiático. A vez do índio estar na mídia, de acordo com essa hipótese, é no “Dia do Índio”. Apesar de o mês de abril apresentar maior número de notícias, apenas uma é referente a data comemorativa, ao que pode se concluir que nesse caso não se confirmou o agendamento.

A capa de um jornal é onde se encontram as notícias mais importantes. Em três edições encontramos os indígenas como destaque na capa e na contra-capas, sendo que uma delas, o título 6 era a chamada principal, estando ela em tamanho grande e com a principal foto da capa. O tema dessas notícias mais uma vez dizem respeito ao conflito ou trancamento da rodovia.

Os títulos 3 e 7 evidenciam atividades que “promovem” os indígenas. Esses títulos mostram atividades propostas e desenvolvidas por brancos evidenciando o índio. Em um dos casos, o índio aparece como uma peça de museu, ou seja, ele é como uma obra para exposição por ser diferente, o que mais uma vez evidencia o preconceito pela identidade social.

Apresentadas as notícias por meio da análise dos títulos das mesmas, selecionamos o editorial para analisarmos todo o texto, visto que este é o discurso do jornal no qual foi publicado.

No jornal Folha Popular de 18/04 – 25/04/09 foi publicado o editorial cujo título é “Território indígena”. O título do editorial apresenta o assunto que será tratado no seu texto/discurso, identificando que se trata de um tema sobre um local específico – território -, uma população específica – indígenas -, mas que é de interesse social por, historicamente, ser motivo de conflito local. O editorial é o discurso da empresa/ jornal livre e opinativo, o que garante a presença das marcas de produção no mesmo pelo enunciador /autor de forma explícita.

No primeiro parágrafo o autor do texto inicia informando sobre a existência de capítulos da Constituição brasileira que asseguram aos índios seus direitos e faz uso de um texto da própria Constituição para confirmar a sua afirmação que está explícita na utilização do verbo “consagrou”, utilizado em terceira pessoa deixando subentendido a presença de um autor observador, ao que podemos observar na primeira frase do editorial que diz: “A constituição de 1988 consagrou o modelo das áreas indígenas”. Assim, o autor se “ausenta” do texto e leva o receptor a pensar de acordo com a outra voz colocada no discurso, que é a Constituição, a lei, o

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

que caracteriza o discurso como heterogêneo. Se a lei fala é por que é assim que tem que ser e é por meio da presença dessa citação que observamos uma relação de poder, pois a Constituição é a maior lei nacional a que todos devem fazer-se cumprir. Ainda sobre o verbo “consagrou”, entendemos que ao utilizá-lo o autor dá uma ênfase maior ao enunciado, podendo ele se referir ao ‘modelo das terras indígenas’ como algo sagrado, estando ele dentro da Constituição, o que nos permite perceber um tom irônico ao seu discurso, já que o algo sagrado remete ao espiritual, ou seja, não é palpável ou real. Caso o autor usasse um verbo mais ameno, como por exemplo ‘criou’ ou ‘originou’, o enunciado teria uma ‘força menor’ para o receptor. O verbo “consagrou” está conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, cuja função específica é indicar que a ação já passou, aconteceu.

O segundo parágrafo é iniciado pela palavra ‘embora’, o que aponta um provável sugestionamento na forma em que o receptor deve compreender a informação, já que a palavra embora, gramaticalmente, se enquadra dentro das conjunções subordinadas concessivas, o que significa dizer que se referem a uma ocorrência oposta à ocorrência da oração principal, assim o enunciador sugere que há algo diferente idéia principal registrada no parágrafo anterior, ou seja, dos direitos dos índios em ter ou reaver suas terras. “Embora os índios detenham” é o enunciado inicial da frase que é concluída por “elas constituem patrimônio da União”. A partir destes fragmentos entendemos que o autor deixa claro que ‘embora’ as terras sejam indígenas, elas pertencem à União, ou seja, não são dos índios propriamente. Sendo da União, é um bem público, o que deveria pertencer a toda a população, mas por ser de “uso especial”, não podem ser utilizadas para outros fins que não pelos “próprios índios”. Podemos dizer que o autor incita a existência de duas forças que concorrem entre si, pelo capital (uma das características dos campos sociais) e pelo cultural que estão envolvidas neste jogo. Assim, ficam os índios como exploradores únicos das riquezas deste patrimônio público, conforme o que diz a Constituição (lei) enquanto o que é da União (de todos) não pode ser usufruído por todos.

No terceiro parágrafo encontramos uma contextualização da Constituição, adjetivando-a como nova (1988) o que confunde o leitor, dando idéia de que existe uma nova constituição no Estado. Quando o autor usa como referencia a Constituição e logo em seguida afirma que não aconteceu a demarcação das terras indígenas como a mesma previa, ele dá a entender que, havia um prazo a ser cumprida a sentença da Constituição, estando o mesmo

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

ultrapassado. Podemos verificar isso no enunciado inicial “A nova constituição reconheceu os índios...” e mais adiante há outro enunciado que fala “as terras indígenas deveriam ser...”. Nesse caso entendemos que o autor diz que a constituição reconheceu os índios, porém, mais adiante, ele se utiliza do verbo “deveriam”, que está conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, o que sugere que agora não “devem” mais serem reconhecidas conforme o que prevê uma Constituição ultrapassada.

No próximo parágrafo, o autor levanta as discussões quanto a possíveis soluções indicadas pelos indígenas, indigenistas e os detentores das terras (agricultores, pecuaristas etc): “Diante da demora na demarcação...” e segue em seu discurso dando as possibilidades utilizando o termo “solucionar”, quando fala de posseiros e fazendeiros e, quando se refere ao índios, utiliza o termo “expulsão”. Assim, quando são os indígenas que estão nas terras “tradicionais” tem de ser expulsos, mas quando são os fazendeiros e posseiros que estão em terras tradicionalmente indígenas tem de solucionar o problema. O discurso segue com nova frase iniciada pela conjunção adversativa “entretanto”, trazendo uma idéia de oposição, uma das marcas discursivas aqui encontradas. Segundo o que o autor escreve, os índios apresentam resistência quanto a demarcar terras que não são Tradicionais, ou seja, que não foram dos seus antepassados.

Nos dois últimos parágrafos são apresentados números comparativos sobre população e territórios. O autor cita primeiro os números referentes aos indígenas no Brasil e em seguida às duas maiores cidades brasileiras, a partir das quais leva o leitor a fazer a comparação mesmo que esta comparação não esteja implícita. Vamos aos números: 105 milhões de hectares distribuídas em 488 terras indígenas para uma população de 512 mil indígenas, o que corresponde a 12,41% do território nacional; enquanto na cidade do Rio de Janeiro, vivem 6 milhões de pessoas para um território correspondente a 0,014% do território brasileiro, e a cidade de São Paulo, com 0,018% do território nacional é habitada por 10 milhões de pessoas. Ao efetuar a comparação o autor quer mostrar que os índios tem terra demais para gente de menos.

Ao chegar no final do texto podemos concluir por conta do discurso deste editorial que o jornal se posiciona contrário aos indígenas, suas causas e reivindicações, pois a forma de apresentação dos dados em uma primeira leitura é confusa durante todo o desenvolvimento do texto, e ao chegar na conclusão, os números provocam uma reação negativa no leitor diante de tamanha diferença, parecendo o índio ter privilégios com relação a população geral. O jornal

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Educação Superior Norte – RS
 Departamento de Ciências da Comunicação
 Curso de Comunicação Social – Jornalismo
 04 a 08 de Janeiro de 2010

produz um texto com marcas que demonstram algo como “não fui eu quem disse, é o que estão dizendo, eu só publico”, contudo, em sendo um editorial, este discurso representa a opinião do veículo em que está impresso.

Uma outra situação interessante é a presença de duas notícias sobre o mesmo assunto em jornais diferentes. Na análise comparativa que segue, utilizamos somente os títulos das notícias sendo N1 do Jornal Província e N2 do Jornal Folha Popular.

Tabela 2) comparativa de títulos de notícias de veículos diferentes sobre o mesmo fato

N1: Tenente Portela: Indígenas interrompem o trânsito na RS 330 para reivindicar	Jornal Província. Ed. 24/04 – 30/04/09
N2: Índios bloqueiam a RS-330 em Tenente Portela	Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09

Em N1, a primeira parte do enunciado se refere ao lugar, situa o co-enunciador sobre o lugar em que a cena acontece, “Tenente Portela”, seguido de dois pontos, que entendemos como anúncio que um esclarecimento estava para ser feito. A manchete segue trazendo o sujeito em questão, “Indígenas”, o qual é seguido pelo verbo no presente do indicativo e em terceira pessoa. O sujeito não é nada mais do que de quem se fala, mas quanto ao verbo estar em terceira pessoa, temos aí uma não-pessoa, o que geralmente é usado no jornalismo. As pessoas do discurso são o *eu* e o *tu*, e a terceira pessoa, *ele/ela*, é a não-pessoa do discurso segundo Maingueneau (2008, pg.106 e 107). Dessa forma, a comunicação na mídia se dá via “não-pessoa”. O mesmo acontece com N2 em “Índios bloqueiam”. O sujeito está em 3ª pessoa (não-pessoa) e o verbo no mesmo tempo verbal que N1. Podemos dizer que “bloqueiam” tem maior força em expressão do que “interrompem”, pois dá a idéia de “sitiar” algo, enquanto “interrompem” dá idéia de há uma “quebra temporária”, ou seja, algo menos grave do que bloquear.

O assunto dos dois enunciados é o mesmo e por se tratar de uma manchete de jornal, apresentam semelhanças. Os dois enunciados situam a cena em um lugar, “Tenente Portela”,

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
 Centro de Educação Superior Norte – RS
 Departamento de Ciências da Comunicação
 Curso de Comunicação Social – Jornalismo
 04 a 08 de Janeiro de 2010

falam em terceira pessoa, ou seja, alguém que viu a cena e está contando o que viu, e apenas a N1 completa o seu enunciado com uma explicação para o fato: “para reivindicar”.

Nestas duas notícias aqui representadas pelas manchetes principais, percebemos a necessidade do conflito social para se tornar notícia. Assim, os índios promoveram a notícia, armaram uma estratégia para que os noticiosos fossem “obrigados” a noticiar, não só a interrupção do trânsito, mas o porquê isso aconteceu. Esse é um movimento que acontece frequentemente quando um grupo de dominados quer se fazer ouvir (ser notícia) por seus dominadores, ou seja, fazer parte do agendamento midiático, interpretado como flutuação entre as funções de dominante e dominado no equilíbrio entre as forças do discurso.

Recortamos o primeiro parágrafo (*lide*) das duas notícias cujos títulos foram acima analisados para verificar o discurso utilizado. Utilizaremos N1 e N2 para identificação das notícias tal qual anteriormente.

Tabela 3) Lides de notícias de veículos diferentes sobre o mesmo fato

<p>N1: Tenente Portela: Indígenas interrompem o trânsito na RS 330 para reivindicar (Jornal Província. Ed. 24/04 – 30/04/09)</p>	<p>N1: A comunidade da Reserva Indígena do Guarita bloqueou na quarta-feira desta semana, a RS-330, no Setor Três Soitas, em Tenente Portela. O bloqueio ocorreu na entrada para a estrada de terra que leva à localidade de Alto Alegre.</p>
<p>N2: Índios bloqueiam a RS-330 em Tenente Portela (Folha Popular. Ed. 18/04 – 25/04/09)</p>	<p>N2: Na quarta-feira, 22, indígenas bloquearam a rodovia RS 330, como forma de protesto da população da Terra Indígena do Guarita. A ação pretende chamar a atenção dos governantes e da sociedade para rediscutir os programas para a comunidade indígena já existentes e a sua precariedade.</p>

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

As duas notícias respondem às perguntas quando (quarta-feira), o que (o bloqueio), onde (RS-330), quem (os indígenas), mas só N2 responde a quinta pergunta: porque (chamar a atenção dos governantes).

Em primeira análise, respondendo a todas as perguntas do lide, N2 traz todas as informações básicas para o leitor com grande objetividade e nenhum espaço para a significação. Assim encontramos os motivos que levaram ao bloqueio (conseqüência) que é “chamar a atenção dos governantes”. Os indígenas se utilizam de um conflito como estratégia para “ser notícia”, “estar na mídia” para chegar até a esfera pública com suas reivindicações, o que já havíamos constatado na análise dos títulos. Os jornais se tornam o espaço de disputa entre agentes de posições centrais e periféricas, conforme o que diz Maingueneau (2008), o que no caso a ação parte dos agentes periféricos.

Enquanto valores-notícias aqui encontrados podemos citar a proximidade e o conflito como principais. Conflito, pois trata-se de uma desordem promovida por um grupo social e que afeta pessoas que não são daquele grupo, podemos entender como “o índio bloqueia a estrada do branco”. O fato ocorreu nas dependências do município, o que caracteriza a proximidade geográfica com que o fato ocorreu. Hipoteticamente este valor-notícia deveria ser uma necessidade durante as escolhas das notícias visto que os jornais são locais ou regionais.

A N2 consegue mostrar um discurso um pouco mais elaborado explicando que não é um simples bloqueio, mas que é um protesto, ou seja, uma manifestação de um grupo de pessoas descontentes com alguma coisa, o que pressupõe que suas necessidades não estavam sendo atendidas conforme o previsto. O enunciador dá voz aos indígenas quando responde o porque do bloqueio.

Observamos que os verbos das notícias estão conjugados, em sua maioria, no modo indicativo, característico do discurso noticioso, e nos tempos presente e pretérito, o que dá mais proximidade de tempo entre a leitura e o tempo real do acontecimento ou fato. No texto noticioso é comum encontrarmos o verbo do título no presente e os demais verbos no pretérito dando a idéia de um fato que acabou de acontecer.

Ao final, podemos afirmar que o discurso do *lide* de N2 proporciona visibilidade mais positiva aos indígenas do que N1.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

CONCLUSÃO

Iniciamos esta pesquisa com o propósito de verificarmos a presença dos indígenas nos discursos dos quatro jornais escolhidos para análises de seus discursos, as marcas de produção deixadas pelos enunciadores em suas possibilidades de revelarem ou não preconceito contra os indígenas.

Apesar da presença dos indígenas ser real e local, a sociedade branca busca garantir um afastamento da população indígena tanto por meio do agendamento midiático pautado pela mídia tanto por meio da reprodução como pela afirmação nas diferenças de identidades entre as populações referidas. Esse tipo de agendamento se difere das pesquisas estudadas para a composição do referencial teórico deste artigo que mostram o agendamento midiático pautando os assuntos dos leitores. A visibilidade dos indígenas por meio dos jornais está condicionada ao não-cumprimento deste agendamento.

Afirmamos isso no momento em que constatamos que os textos são reprodutivos pois, em momento algum encontramos marcas discursivas que fossem promotoras de transformação social. Pelo contrário, a reprodução da identidade indígena esteve marcada em todos os discurso analisados, por meio dos valores-notícia em destaque, como o conflito que aparece em seis das onze notícias encontradas. Os indígenas são tratados com um assunto a parte do restante da sociedade, como uma parcela de pessoas isoladas e, em alguns casos, promotoras da desordem.

Outra consideração a ser feita é a pouca presença de notícias relacionadas aos indígenas e a total ausência em todas as edições dos jornais A Terra, de Tenente Portela, e Visão da Notícia, de Nonoai. Assim, em Nonoai não houve publicação alguma nos dois meses de material recolhido. Isso nos permite dizer que os povos indígenas são invisíveis para estes dois jornais, e de relativa visibilidade para ou outros dois, que ainda se isentam de sua negligência diante do agendamento pautado pelos assinantes. Dessa maneira entendemos que o preconceito parte do co-enunciador para o discurso do enunciador (jornais) que reproduz o mesmo em escala industrial.

Quando o jornal Folha Popular faz uso de seu espaço editorial para produzir um discurso sobre as terras indígenas, declaram sua posição e opinião sobre o assunto. O que encontramos foram marcas que revelaram pistas que entendemos como preconceito contra os

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

indígenas e suas causas de protestos. O discurso incita o preconceito contra os indígenas e reproduz o que é vivenciado pelos índios em suas investidas para o cumprimento da Constituição como algo normal e os índios como os próprios responsáveis pela situação em que se encontram diante do não-cumprimento da lei.

Algo importante de ser ressaltado é a falta de significação para os discursos publicados. Foram poucas e pobres as marcas discursivas encontradas na amostra, com textos bastante objetivos. Esse fator gerou dificuldades na análise, pois são esses desvios de discursos, as marcas discursivas, que permitem analisar o discurso em suas significações. Uma possibilidade para essa ausência de significações pode ser a falta de formação das pessoas que trabalham nas redações, já que não são graduados em jornalismo.

Para o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano (1999, pg.35), “não será, certamente, através de uma revolução da sintaxe que se devolverá à palavra a dignidade perdida. O sistema esvazia a linguagem de conteúdo, não pelo prazer da pirueta técnica, mas porque necessita isolar os homens para dominá-los melhor”.

Diante da pobreza em significação nos poucos discursos encontrados e pela reprodução do preconceito social contra os indígenas, concordamos com o que diz Galeano pela comprovação que obtivemos em nossa análise por meio da AD no discurso jornalístico dos quatro veículos estudados. Se são os assinantes e, por extensão a população, que pautam a agenda dos jornais e estes jornais reproduzem aquilo que os leitores querem ler nos discursos publicados, o jornal reproduz os preconceitos sociais e identitários presentes nesta sociedade e encontrado nas notícias que a retratam cotidianamente. Os grupos indígenas, isolados geograficamente em reservas também estão isolados discursivamente de sua representação social. É o povo invisível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARICHELLO, M. E. M.; SCHEID, D. **Visibilidade midiática: entre estratégias das instituições e estratégias dos sujeitos.** In VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Relações Públicas e Comunicação Organizacional. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007, Santos. Anais eletrônicos. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1157-1.pdf>. Acesso em 30 jun.2009.

CEGALLA, D. P., 1920-. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 46 ed.- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
04 a 08 de Janeiro de 2010

COLLING, L. **Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados.** In Revista FAMECOS, 2001 • Porto Alegre. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/301/232>>. Acesso em 30 jun. 2009.

DUARTE, J. BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FUNAI. Disponível em <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em 15 set. 2009.

GOMIS, L. **Do importante ao interessante:** ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. Pauta Geral, 4(2002), 225-2242.

GUTIÉRREZ, A. B. **Pierre Bourdieu:** las prácticas sociales. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1994.

LAGE, N. **Estrutura da notícia.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Os termos-chave da análise do discurso.** 1ª ed. Lisboa-Portugal, Gradiva: 1997.

MELO, JM. **Teorias do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso:** introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo** – vol. I. 2 ed. Florianópolis. Insular, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo** – vol. II. 2 ed. Florianópolis. Insular: 2008.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRINTA, A. R. **Identidade, identificação e projeção:** telenovela e papéis sociais no Brasil. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JR, Potiguara Mendes da. (org.). Comunicação: tecnologia e identidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.151-164.

VERÓN, E. A produção de Sentido. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

VIZEU, A. **O jornalismo e as “teorias intermediárias”:** cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do Discurso (AD). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=vizeu-alfredo-jornalismo-teorias-intermediarias.html>. Acessado em 09 nov 2009.